

DIAS ESTRANHOS

por
Raphael Draccon

do universo da série fantástica
"Dragões de Éter"

[http:// www.raphaeldraccon.com](http://www.raphaeldraccon.com)
Todos os direitos reservados.
EDA / RJ.

DIAS ESTRANHOS

Aquele dia seria um dia estranho.

A menina caminhou na direção da caverna, buscando água gelada para a garganta seca. Não devia ter mais do que doze anos. Ou treze. Estava seminua, machucada, e fugindo de algo perigoso. [o quanto?]. Extremamente perigoso. [um monstro?]. Um homem.

Um homem extremamente perigoso.

Arfava antes. Agora, porém, inspirava fundo, sentia o coração bater forte – da forma como batem os corações em receio – e expirava pesado, como se o ar fosse carregado de chumbo. Como se seu pulmão fosse invadido por areia, e como se tais resíduos saíssem de seus poros feito suor.

A caverna, de fora, parecia um bicho empalhado em tamanho gigantesco. A entrada mais lembrava uma bocarra que mantinha a mandíbula aberta, mas não como uma planta carnívora que blefa para atrair a presa. A entrada, na verdade, mais lembrava um maldito crocodilo que mantinha a boca aberta para que algum pássaro lhe limpasse os dentes afiados, ao mesmo tempo em que se alimentasse de restos de comida em um curioso processo de simbiose.

Afinal, no fim das contas, era isso; era isso que aquela caverna era.

Uma maldita simbiose.

A bocarra aberta daquela caverna não era o blefe de uma armadilha. Era um convite.

E se alguém resolvesse entrar ali, era isso que sua vida inteira passaria a ser.

NAQUELE DIA

A menina entrou na caverna, e sentiu cheiro de putrefação.

Havia uma velha sentada no meio de um círculo de treze crânios, com sete velas de cor vermelha em cima. Algumas velas não estavam acesas porque a cera já tinha

queimado. As poucas que sobraram iluminavam o soturno ambiente bem menos do que o coração do homem de bem gostaria, mas o do ruim pouco se importava.

A menina não sabia dizer se a iluminação a incomodava. Ou não.

A velha no centro tinha cabelos de esponja, e sorria um riso de dentes negros. A menina não conseguia olhar para aquela criatura por muito tempo, e desviava o olhar para as velas acima dos crânios.

Ela podia jurar que aquela cera derretida parecia sangue.

Talvez realmente o fosse.

– Como é teu nome, fugidia? – perguntou a velha com a mesma voz que uma gralha teria se pudesse falar, e um maestro a pediu para cantar no menor tom.

– É Nazareth. – a menina respondeu, ou *achou* que respondeu, pois havia sussurrado tão baixo que não se escutou.

– Vosmecê parece com fome. – a bruxa disse sorridente, como se qualquer criança perdida no meio de uma floresta não tivesse tal característica. – Vosmecê tem fome?

A menina queria dizer que sim. Na verdade, ela *também* achou que havia sussurrado um “sim”.

Mas, na verdade, não dissera nada.

– O que vosmecê gosta de comer? Carne de bichos?

– Prefiro doces. – ela disse sem tirar os olhos de um anel que prendia uma bola esbranquiçada e cheia de nervos, que parecia um glóbulo ocular. – Eu *gosto* de doces.

– Chega mais perto. – a bruxa estendeu a mão, e chamou com dedos esqueléticos preenchidos com outros anéis de ossos. – Então chega mais perto do círculo, que Mãe Goethe alimenta vosmecê.

Nazareth se aproximou. Um passo de cada vez. Muitas batidas de coração entre cada um. E muito pouca respiração.

O último passo parou na linha que antecedia a entrada no círculo.

– Mais um passo só.

– Eu não posso. – a menina afirmou.

– E por que não?

– Porque você vai me atacar. E me arrancar a pele. E me devorar os ossos.

A velha pareceu surpresa. E excitada.

– E por que eu faria isso com vosmecê, menina fugidia?

– Porque é isso que bruxas fazem. E você é uma bruxa.

– *Algumas* fazem isso. Eu gostaria de fazer isso; e afirmo: eu já o fiz. Mas não o farei hoje. Hoje, eu vou alimentar vosmecê; e vou deixar vosmecê escolher entre a *boa vida* e a *vida eterna*.

– E qual a diferença entre elas?

– Só existe *boa vida* para aquela que morre.

– Eu não quero morrer... – disse a menina, franzindo a testa e aproximando as sobrancelhas.

– É por isso que pessoas como nós duas preferem a *vida eterna*.

Diante do comentário, a menina *quase* entrou no círculo.

– Mas... se eu tiver a *vida eterna*, eu não vou ser boa?

A bruxa modificou a atitude:

– Diz pra mim: por que vosmecê está machucada e corre só pela floresta hoje, fugidia?

– Porque um homem me persegue. Como perseguiu minha mãe, e machucou ela, e bateu nela, e entrou nela.

– E matou ela? – a bruxa perguntou, com uma voz que trazia muito mais curiosidade do que compaixão. Na verdade, apenas curiosidade.

A menina balançou a cabeça fazendo uma careta que projetava um beijo, e começou a chorar.

– Está vendo? – disse a bruxa. – Ainda bem que existiu a morte para sua mãe, não é?

A pequena Nazareth limpou as lágrimas, ofendida.

– Não. Ela morreu, e isso não pode ser bom...

– Vosmecê conseguia pensar em outra forma de terminar com o sofrimento dela?

A menina tentou. Juro que tentou arrumar uma resposta.

Mas não conseguiu.

– Por isso, a *boa vida* depende da morte. Porque a vida é apenas sofrimento. E a morte é alívio.

– Não para a alma que vai para Aramis... – disse a menina.

– Sim, ainda assim. Porque a alma escura que vai para lá estará entre os seus iguais. E, ainda assim, e talvez por isso, se sentirá bem.

– Então... – ponderou a menina. –... quem vive a *vida eterna*, vive sofrendo eternamente...

A menina era inteligente. Extremamente inteligente. [o quanto?]. O suficiente para ser conduzida *antes* que passasse a tomar suas próprias decisões.

– Quem vive a *vida eterna*, fugidia... – sussurrou a bruxa na voz baixa de gralha. –... acaba com o sofrimento de quem vive a *boa vida*. Compreende?

A menina balançou a cabeça, com a boca aberta em surpresa.

– Então quem vive a *vida eterna* não são pessoas ruins?

– Não, não são.

– Bruxas vivem a *vida eterna*, bruxa?

– Só as que compreendem isso.

– E que tipo de bruxa é você?

– Eu sou uma das *melhores*.

A menina deu o passo que adentrou o círculo. Imediatamente, seus pêlos se eriçaram, e ela sentiu uma eletricidade que começou arrepiando na nuca, e se alastrou pela coluna vertebral.

Ela não sabia dizer se a sensação era boa. Ou não.

– Você quer viver a *vida eterna*, querida? Tenho a certeza da morte de uma estrela de que um dia poderá me pagar...

A bruxa estava pronta para ouvir a menina *confirmar*. E então ela iria atacá-la. E lhe arrancar a pele. E lhe devorar seus ossos.

Mas a menina disse:

– Não. Quero que me dê uma *boa vida*, bruxa.

Mãe Goethe parou assustada, e guardou seus dentes negros novamente na boca, fechando os beiços.

– Como é, fugidia?

– Sabe, eu não vivo a *vida eterna*, mas você vive. Eu vivo em sofrimento. Você então pode acabar com o meu sofrimento. – não havia medo nem mesmo nas palavras mais sombrias. – Porque você é eterna, e uma das melhores.

A bruxa acariciou o cabelo da menina, e lembrou-se de quando seu cabelo era assim.

– Vosmecê... – ela disse, com orgulho no tom. –... *merece* a *vida eterna*, muito mais do que a *boa vida*.

– Mas eu não quero a *vida eterna*. Eu quero morrer. Agora eu quero morrer.

“E esse é o primeiro passo para a sua *iniciação*.”

OUTROS DIAS

Nazareth tornou-se discípula de Mãe Goethe. E a menina passou décadas aprendendo segredos sussurrados diante de crânios putrefatos, e de velas que queimavam sangue. Ela aprendeu como enforcar recém-nascidos, e como arrancar olhos de crianças sem que elas gritassem. Muito. Aprendeu como azedar o leite de grávidas, e fazer um cão babando espuma atacar a mão que o alimentava. Descobriu como usar o ego de um homem para enlouquecê-lo, e como usar a vaidade para fazer uma mulher vender a alma. Entendeu o poder da carne humana, e se viciou no sangue que era servido em taças desgastadas com ela. Acendeu velas a semideuses sombrios. Deu nomes à bonecas sem vida. Cantou mantras proibidos, e dormiu nua no meio de homens que mais tarde devorou. Conheceu outras bruxas, as de *vida eterna* e as de *boa vida*, e freqüentou reuniões em que foi convidada, e outras em que foi expulsa.

Passaram-se muitos anos, e mesmo quando a Caçada de Bruxas começou, a mulher sobreviveu. Mesmo quando sua mentora achou que ela estava pronta e se foi para que ela seguisse o próprio caminho, ela sobreviveu. E ganhou respeito para ser aceita em um Conselho de bruxas e magos escuros dos *piores* tipos.

Escondeu-se como bicho. Escapou de caçadores, e deu-se um novo nome.

Conheceu bruxas brancas, mas considerou-se *melhor* do que elas. Alimentou-se da carne de mulheres e crianças, queimou casas de humildes e lhes tomou os filhos dos braços. Dizem também que envenenou a água de vilarejos, mas sempre dizem isso de todas as bruxas.

E as décadas se passaram, e, um dia, os caçadores vieram. E tombaram os *covens*, e impediram o *sabbat*. Bruxas foram torturadas e queimadas, e esconderam-se nas sombras das próprias existências para não sucumbirem de vez ante sua própria *vida eterna*. Os cavaleiros de armaduras escuras, porém, tinham uma missão, e cada mulher que já riscou um pentagrama em vida ou percorreu labirintos escuros, terminava como artifício para fogueiras que exalavam o mesmo cheiro de churrasco da queima dos corpos de animais. [*carne de bichos?*].

Nazareth quando retornou até a antiga caverna, encontrou apenas corpos em decomposição e anéis de ossos derretidos. Um deles, porém, havia rolado junto com um dedo da queimada, e sido chutado sem perceber por um caçador.

Ela *reconhecia* aquela jóia branca cheia de nervuras, que mais parecia um globo ocular.

E, naquele momento, tomando nas mãos o dedo arrancado e reparando melhor a jóia macabra, ela enfim percebeu que talvez realmente o fosse.

Era um fato; Mãe Goethe estava morta.

E cabia agora a ela a vida eterna.

HÁ POUCOS DIAS

A bruxa estava com fome. Ela orava para que sua mentora estivesse em Aramis, sorridente, ao lado dos seus. Já que... [*a alma escura que vai para lá estará entre os seus iguais.*]... ela era uma das *melhores* entre as suas.

Estava escondida e isolada, mas precisava comer. Foi então que resolveu ir até o lado de fora daquela casa, e ecoar seus mantras escuros. E dançar suas danças eufóricas. E acender suas velas de sangue. E as repousar sobre seus crânios putrefatos.

Esperou por três dias até que o alimento aparecesse. As presas vieram de mãos dadas. E caminharam até ela.

Ela viu quando eles chegaram. Não eram de tamanhos suficientes, mas seriam ótimos alimentos para uma bruxa negra a cada dia mais fraca. Eles pararam diante daquele esconderijo como se fosse uma velha caverna, e ela sabia o que eles sentiam.

Afinal, aquela casa para seus recém-chegados não era o blefe de uma armadilha. Era um convite. [*uma simbiose...*].

Uma maldita simbiose.

E se alguém resolvesse entrar ali, era isso que sua vida inteira passaria a ser.

Naquele dia, contudo, ela sabia que não era a forma da bocarra aberta de um grande crocodilo que aqueles dois fugidios veriam. Não; não naquele dia. Não naquele instante.

Não aqueles ali.

Afinal, era um fato; *aquela* bruxa sempre gostara de doces.

João e Maria Hanson pararam diante daquela casa estranha, sem acreditar no que estavam vendo. Lá de dentro, Babau os observava se aproximarem fascinados dentre sombrias frestas de ângulos tortos.

Aquele dia seria um dia estranho.